

A representação do imigrante judeu na literatura pós-moderna rio-grandense

Rosane Marcia Neumann*
Gláucia Elisa Zinani Rodrigues**

Resumo: O artigo trata da representação do imigrante judeu na literatura rio-grandense pós-moderna, situando-se na fronteira entre a Literatura e a História. Estuda-se a temática nas obras *Cágada*, de Mársico, publicada em 1974, que tem como cenário a Fazenda Quatro Irmãos, em Erechim, norte do Rio Grande do Sul; e a obra *O exército de um homem só*, de Scliar, publicada em 1973, ambientada no bairro Bom Fim, em Porto Alegre. Compara-se nas obras, respectivamente, a representação dos personagens judeus por verossimilhança entre ficção e realidade: Mister Glupp/Isidoro Eisenberg, o diretor da colônia; e Mayer Ginzburg/Henrique Scliar, o idealista. O imigrante judeu é representado de forma marginal na literatura, ora por meio da sátira, ora pela ironia. Contudo, ambas narrativas buscam desconstruir estereótipos consagrados da trajetória migratória desse grupo, ao desnudar aspectos de seu cotidiano, conflitos, as relações interétnicas.

Palavras-chave: Imigração judaica, Representação, *Cágada*, *O exército de um homem só*.

A representação do imigrante judeu na literatura pós-moderna rio-grandense

Abstract: The article deals with the representation of the Jewish immigrant in postmodern Rio-Grandense literature, situated on the border between Literature and History. The theme is studied in the works *Turtle*, of Mársico, published in 1974, which has as its setting the Quatro Irmãos farm, in Erechim, north of Rio Grande do Sul; and the work *The army of one man*, of Scliar, published in 1973, set in the neighborhood Bom Fim, in Porto Alegre. The works are compared, respectively, to the representation of the Jewish characters by Verisimilitude between fiction and reality: Mister Glupp/Isidoro Eisenberg, the director of the colony; and Mayer Ginzburg/Henrique Scliar, the idealistic. The Jewish immigrant is represented marginally in literature, sometimes through satire, sometimes by irony. However, both narratives seek to unwind established stereotypes of the migratory trajectory of this group, by baring aspects of their daily lives, conflicts, interethnic relations.

Keywords: Jewish immigration, Representation, *Turtle*, *The army of one man*.

* Doutora em História. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. E-mail: rosaneneumann@upf.br.

** Mestre em História do Programa de Pós-Graduação em História de Passo Fundo, Bolsista FUPF. E-mail: glauciaelisazinani@gmail.com . Este artigo faz parte da dissertação de mestrado, A representação do imigrante judeu na literatura contemporânea do RS: *Cágada* e *O exército de um homem só*, sob orientação da Profa. Dra. Rosane Marcia Neumann.

Introdução

No contexto global do final do século XIX e início do século XX, a emigração judaica é estimulada mundialmente, como uma forma de fuga da discriminação religiosa, tendo como um dos destinos a América do Norte e, em seguida, a América do Sul, principalmente Argentina e sul do Brasil.

No Rio Grande do Sul, foram estabelecidas duas colônias destinadas a imigrantes judeus, pela companhia inglesa *Jewish Colonization Association* ou ICA, fundada em 1891 pelo Barão Maurice de Hirsch.¹ A primeira colônia agrícola da ICA foi a *Filipson*, fundada em 1904, localizada em Santa Maria, região central do Estado; já a segunda e última foi fundada em 1909, na Fazenda Quatro Irmãos, norte do Estado (Gritti, 1997).

A historiografia trata marginalmente do estudo da imigração judaica, tendo em vista sua presença numérica inferior se comparada a outros grupos étnicos, e por caracterizar-se como uma imigração predominante urbana e do início do século XX. Sobre a presença judaica no Estado, destacam-se os estudos de Cristine Fortes Lia (2004), Isabel Gritti (1997) e Yeda Gutfreind (2004), além dos trabalhos de memorialistas como Samuel Chwartzmann (2005) e Martha Pargendler Faermann (1990). Já no diálogo com a literatura, podemos citar os trabalhos de Tânia Maria Baibich (2001).

Na produção literária, a presença judaica também é pouco expressiva. Encontramos esses sujeitos como núcleo central na literatura pós-moderna rio-grandense, nas obras *Cágada (ou a história de um município a passo de)*², de autoria Gladstone Osório Mársico, publicada em 1974, tendo como cenário a fazenda Quatro Irmãos, em Erechim; e a obra *O exército de um homem só*, de Moacyr Scliar, publicada em 1973, ambientada no bairro Bom Fim, em Porto Alegre. Ambos autores possuem trajetórias peculiares na literatura: Mársico (1927-1976) é um escritor satírico, não-judeu, radicado em Erechim, onde atuou como advogado da *Jewish Colonization Association* e foi vereador

¹ O Barão Moritz von Hirsch, também referido como Maurice de Hirsch, nasceu em Munique em 1831 e faleceu em 1896. Foi um filantropo e financista judeu.

² Quanto ao uso de abreviações, o nome da obra *Cágada (ou a história de um município a passo de)*, usará somente *Cágada*, para referir-se.

pelo PTB entre 1956 e 1959. Já Scliar (1937- 2011), de família de imigrantes judeus, viveu no Bairro Bom Fim, em Porto Alegre, de formação médico, praticou a medicina, paralelo a atividade de escritor, consagrando-se membro da Academia Brasileira de Letras (2003).

Embora apresentem trajetórias distintas, as obras possuem pontos de contato, como seus personagens centrais, inspirados em sujeitos conhecidos e reconhecidos nos seus espaços de relações. Nessa perspectiva, Mársico traz para as páginas de sua obra o diretor da ICA, Isidro Eisenberg, representado pelo seu personagem Mister Glupp, diretor da companhia ficcional *Armarish Colonization Association*. Por sua vez, Scliar inspira-se em seu tio, Henrique Scliar, para compor sua personagem, Mayer Ginzburg, criador de uma colônia coletiva no Beco do Salso. A comparação desses personagens é o fio condutor do presente estudo.

Emprega-se o conceito de representação na perspectiva de Roger Chartier (2010), entendendo-o como a presença de uma ausência.

1.1 O diretor da colônia: Isidoro Eisenberg / Mister Glupp

A ICA, na colônia Quatro Irmãos e suas vilas Baronesa Clara e Barão Hirsch, teve vários diretores. Todavia, sobressai a atuação do diretor Isidoro Eisenberg, que chegou ao Brasil em 1934, com a esposa Anna Districhstein, natural da Romênia, e a filha Mariela. Eisenberg nasceu na Polônia, prestou serviço militar no Exército Austro-Húngaro e realizou estudos em Viena, diplomando-se em Agronomia. Em sua trajetória profissional, trabalhou para ICA no Canadá de 1926 até 1934, quando foi transferido para o Brasil, para assumir a colônia de Quatro Irmãos, onde permaneceu até 1938, quando foi designado pela ICA para trabalhar na colônia fundada em Rezende, no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1943, retornando a Erechim. Faleceu em 1972, em Porto Alegre, onde residia sua filha (Faermann, 1990).

Já na obra *Cágada*, a personagem diretor da companhia chama-se Mister Glupp e tinha a

missão difícil da ACA, como um *viking* sem canoa, porém motorizado até os dentes, se propôs a realizar quando acampou em Cágada com a esposa e uma filha de vinte e

tantos anos, mais tarde conhecidas e reverenciadas como Lady Hilda e Lady Salma. Mister Glupp veio com ordens expressas de não perder tempo. Dinheiro [a companhia] não faltava. E aí ele começou a construir a sede da *Armarish Colonization Association* e duas linhas particulares, uma férrea e outra telefônica, ligando aquele imenso território ao centro do então município de Nova Floresta (Mársico, 1974: 15).

Aqui, a trajetória da personagem Mister Glupp é verossimilhante com a trajetória de vida de Dr. Isidoro Eisenberg, porque o personagem Mister Glupp igualmente ao diretor da ICA, Dr. Eisenberg tem a nacionalidade russa e emigram para Inglaterra. O ponto de partida para ambos, foi da Inglaterra para o Brasil, no período entre a I e II Guerra Mundial, também foram voluntários na guerra, casaram-se com mulheres judias; Lady Hilda [Anna Districhstein] e tinham em comum, uma única filha Lady Salma [Mariela Eisenberg, que posteriormente casou-se com Dr. Joely Back que residia em Porto Alegre], que na ficção, Lady Salma casou-se com um judeu, chamado de Muja, que morava no bairro Bom Fim [bairro de Porto Alegre].

Em *Cágada* a personagem Mister Glupp envia cartas para o chefe da ACA e surgem dificuldades com a conversação,

Maneio [não judeu prefeito de Nova Floresta] voltou impressionado com Mister Glupp. Embora a conversação fosse quase na base da mímica – pois Mister Glupp falava o português apenas para o gasto e Maneio o inglês nem para isso-pôde deduzir que a ACA não queria saber nada de política, não era espiã de coisa nenhuma (Mársico, 1974: 19).

Nesse trecho, traz a dificuldade inicial do imigrante de aprender a língua portuguesa, e do nativo de se entender com o imigrante. A utilização de cartas, era o meio de comunicação dos diretores de Quatro Irmãos com a sede da companhia em Londres (Cassol, 1985), isso vem de encontro ao ofício de Isidoro Eisenberg, com a data de 8 de setembro de 1935, solicitando que o secretário Arnaldo Porto, secretário municipal da Prefeitura Municipal Erechim, emita um certificado de que “a empresa Jewish Colonization Association é uma sociedade colonizadora de elementos estrangeiros, desde o ano de 1912, dentro da Fazenda Quatro Irmãos”. Em *Cágada*, Mister Glupp mandou uma carta, para Sr. Glorian, o chefe da companhia em Londres.

Sobre as atividades desenvolvidas pelo diretor Dr. Isidoro Eisenberg, ao seu retorno em 1943, na colônia Fazenda Quatro Irmãos,

o Dr. Isidoro a Quatro Irmãos, lá permaneceu até 1963, quando a ICA fechou seus escritórios no Brasil, encerrando suas atividades [...]. Vivendo em Quatro Irmãos, Isidoro Eisenberg viajou várias vezes ao Canadá para lá assentar famílias sobreviventes dos campos de concentração europeus, em grandes áreas adquiridas pela ICA a partir de 1950. (Faermann, 1990: 115).

Em *Cágada*, a personagem,

Depois veio a guerra e Mister Glupp se ofereceu como voluntário [...]. Mas, por estranho que parecesse, a guerra trouxe emprego para muita gente e Mister Glupp, que já estava acostumado a lutar para viver [...]. Mister Glupp, durante toda a II Guerra Mundial, viveu de pá e enxada nas mãos abrindo covas, enterrando [...] (Mársico 1974: 31-32).

Aqui, coincide que Isidoro Eisenberg trabalhou dando assistência aos sobreviventes da Segunda Guerra Mundial. Eisenberg também atuou como diretor na colônia Quatro Irmãos, no período de 1938 até 1963, período próximo entre a Segunda Guerra Mundial. Já em *Cágada*, Mister Glupp depois de trabalhar como coveiro na II Guerra Mundial, emigrou ao Brasil, ou seja, ambas trajetórias coincidem.

Sobre Eisenberg, um judeu que trabalhou no hospital como dentista, afirma:

Te dou uma peça no hospital, te dou uma outra peça para você poder dormir no hospital e alimento também no hospital. Mas, daí tenho um problema, eu não tenho condução, como é que eu vou? [...] Diz ele [Isidoro Eisenberg] olha: nós podemos fazer o seguinte: a ICA tem, todos os dias vêm uma condução da ICA para Erechim, vêm serviços, eu às vezes venho junto, hoje, por exemplo, eu vim junto, tem dias que não precisa eu vir, falar alguma coisa importante que eu tenho que vir, caso contrário o motorista vêm sempre, toda a semana. Combinar com ele, daí ele te leva e te traz [...]. Daí eu comprei um consultório bem simples, e montei lá no hospital (Jochelavicius, 2018).

Aqui, sobressai um diretor que circula e busca pessoas para trabalhar na colônia, acessível e preocupado, essa característica é representada em

Cágada: “O Mister, porém, era difícil no acesso e abordagem. Quando não estava enfurnado em casa ou no escritório, sumia para o mato, fiscalizando obras, o trator como liteira do senhor feudal” (Mársico, 1974: 87).

O entrevistado judeu descreve como era a moradia do diretor da companhia,

era uma casa montada com tudo que tem hoje nas casas boas, com e era inverno acho que era no mês de junho [...]. Era um dia frio, calefação funcionando, a mesa posta com três pratos como eu nunca tinha visto, e ele tinha uma cozinheira, e uma outra que servia, mas estavam de fardamento de cozinheira. [...] Tinha um jardim grande, bonito e tinha uma cancha de tênis no pátio dele. Ele jogava tênis com alguns da direção [...], mas a casa deveria ter uns dois dormitórios, porque ele tinha só uma filha, e uma sala grande, e cozinha (Jochelavicius, 2018).

Em *Cágada*, a residência de Mister Glupp,

em pouco tempo a sede da ACA começou a crescer no topo da planície – um prédio de alvenaria com dois andares, calefação e uma bela cocheira- e dormentes e postes começaram a ser deitados ao longo do futuro caminho que facilitaria o êxodo (Mársico, 1974: 15).

Aqui, sobressai a verossimilhança do sistema de calefação que a casa possuía, porque não era comum as casas da época possuírem esse sistema. Quanto a localização, situa-se na posição estratégica central, aliás a rua principal de Quatro Irmãos chama-se Dr. Isidoro Eisenberg. Em *Cágada*, podem ser observados, os cuidados com a construção da casa de Mister, e o jardim, quando a personagem Lady Hilda, esposa de Mister Glupp regava as flores, todas as manhãs.

Mársico satiriza o conforto da casa de Isidoro Eisenberg comparando-a com um hotel, “só viu uma grande, bonita, a sede da ACA que ele pensou que fosse um hotel” (Mársico, 1974: 29). Também surge a representação da parte interna da casa de Mister Glupp, quando a personagem Padre Nero entra, mas

[...] não era bem na sede, mas na porta que dava para a residência de Mister Glupp na mesma casa, porta ao lado, uns quinze metros aquém do escritório. Entrou como se fosse uma

miniatura grotesca do Templo de Salomão, as madeiras de pinho envernizadas, recendendo a cedro do Líbano, cheiro de mundo importado, mistério de longe, e os móveis, os tapetes, os quadros a confessarem o ritual sagrado e privado duma estirpe que só o imprevisto e a causalidade poderiam desnudar (Mársico, 1974, p. 76).

Nota-se que a casa de Mister Glupp era uma casa confortável para sua época, e que continha objetos religiosos dentro de sua residência. Também sobre a residência de Isidoro, a entrevista de um filho de um funcionário de Isidoro Eisenberg, não-judeu afirma, que na casa tinha campo de tênis, tinha piscina, “meu pai, então ia pra lá, pois era empregado né. Ele tinha uma casa boa, uma mansão os judeus tinham lá. Aqueles que paravam dos Estados Unidos paravam ali”, conforme (Loureiro, 1995).

Isidoro Eisenberg, era um homem que viajava para o Canadá e Estados Unidos, e que quando chegavam, membros da ICA, estes hospedavam-se em sua residência. Eisenberg desempenhou atividades no hospital, na Fazenda Quatro Irmãos,

no primeiro período em que dirigiu a colônia Quatro Irmãos, destaca-se, dentre as realizações do Dr. Isidoro, a reorganização do hospital, sendo inaugurada a nova sede em 1935, com 8 quartos, 16 leitos, uma sala cirúrgica e cozinha muito bem equipada para a época. Aposentado em 1963, fixou residência em Porto Alegre, pois nesta cidade sua filha Mariela casara-se com o Dr. Joely Back. O Dr. Isidoro e sua esposa faleceram na capital do Rio Grande do Sul, respectivamente, em 1970 e 1981 (Faermann, 1990: 115).

Na fazenda, além do hospital foi instalada a sede da companhia. Em *Cágada*, no trecho: “A prefeitura e a câmara começaram a funcionar no *Gimbo’s Bar* por uma questão de economia” (Mársico, 1974: 156). Nesse trecho evidencia, que além da representação da moradia do diretor da ICA, em *Cágada* surge a representação do escritório diretivo da companhia, chamado satiricamente de *Gimbo’s Bar*, ou seja, chamando-o de bar, um local de reunião dos líderes da colônia.³

³ Sabe-se que a colônia obteve uma sede para prefeitura após a emancipação, em 1996, até então, as decisões da colônia eram tomadas na sede da ICA. Hoje, a Prefeitura de Quatro Irmãos situa-se na rua Marcos Nagelstein, nos antigos aposentos da sede da companhia ICA.

O hospital é representado como cocheira em *Cágada*. A personagem Muja foi atendido no hospital: “já disse que tem que ser num lugar confortável. Precisamos de espaço. Talvez tenha que fazer uma sangria - Na cocheira – sugeriu Mister Glupp. – Ótimo – aprovou Padre Nero. – Já serviu de igreja. Pode servir de hospital” (Mársico, 1974: 76). Nota-se que surge a representação do hospital, de Quatro Irmãos, fundado em 1932, chamado ficcionalmente de “cocheira” pelas personagens.⁴

Chwartzmann (2005) menciona que na década de 60, Eisenberg soube do início da construção da Sociedade Israelita de Erechim, prontificou-se a ajudar na construção da sede, e tentar colaboração por parte da companhia. No trecho Eisenberg dizia, “eu vou a Londres daqui a alguns dias. Você faz uma carta explicando tudo o que vocês fizeram e o que precisam e eu levo a carta e falo com os chefes da ICA” (Chwartzmann, 2005: 69).

Depois que foram encerradas as atividades da ICA em Quatro Irmãos, por volta de 1962, Isidoro Eisenberg empenhou-se na construção da Sociedade Israelita de Erechim na década de 1970. Isso vem de encontro, a representação da construção da sinagoga, em Erechim, porque a comunidade erechinense estava envolvida na arrecadação comunitária de fundos para sua construção, pode-se dizer que, Mársico soube do projeto de construção, no mesmo período histórico, em que escrevia a obra *Cágada*.

Mársico tinha vínculo social com o Dr. Isidoro Eisenberg, como constata-se na correspondência de dois de março de 1972, escrita por Mársico, enviada à Ana Eisenberg. Na carta sobressai o agradecimento de uma lembrança que a esposa de Isidoro Eisenberg lhe enviou e seu interesse em conhecer o livro *Cogumelos de Outono*. Na mesma carta, Mársico demonstrou ter um vínculo afetivo,

senti muito a notícia da morte de meu prezado amigo Isidoro Eisenberg. Era um homem de aparência tão saudável que jamais poderia imaginar fosse desaparecer tão cedo. Mas, a vida é assim mesmo: quando menos esperamos, vem o chamado. Transmito à senhora, embora tarde, as minhas sinceras condolências (Mársico, 1972: s/p).

⁴ Ao lado esquerdo do prédio da prefeitura, situava-se o prédio do hospital, que hoje abriga o Memorial Leopoldo Cohen.

Além de demonstrar tristeza, na mesma carta o autor enviou um exemplar de *Cogumelos de Outono*, fazendo votos de que a viúva, Ana Eisenberg, goste do livro e que “lhe envie as suas valiosas impressões do livro, aqui fico, como sempre, amigo e admirador” (Mársico, 1972: s/p).

Provavelmente, Mársico ficcionalizou a imigração israelita na colônia Quatro Irmãos, a construção da Sociedade Beneficente Israelita, e a trajetória verossimilhante de Mister Glupp, com a vida do diretor da ICA, Isidoro Eisenberg, que foi um dos diretores responsáveis pelo projeto de colonização, da Fazenda Quatro Irmãos.

1.2 Tio Henrique: o fundador do *kibutz* Porto-Alegrense

A história dos bairros de Porto Alegre, foi análise do Centro de Pesquisa Histórica vinculada a Coordenação de Memória Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. De acordo com a *História dos bairros de Porto Alegre*, o

Santa Cecília trata-se de um bairro com território relativamente pequeno [60 hectares]: a partir de 1959, passou a compreender a região situada entre a Avenida Protássio Alves, esquina rua Ramiro Barcelos, até a rua Vicente da Fontoura, e a Avenida Ipiranga; por esta no sentido leste - oeste até encontrar a rua Ramiro Barcelos. A região era conhecida como “Caminho do Meio”, em referência ao velho caminho que é hoje a Avenida Potássio Alves, e ao nome da linha de bonde que percorria o bairro. O bairro se desenvolveu nos arredores da Igreja, que foi construída em 1943 [...]. Em 1956, foi inaugurado o Colégio Israelita Brasileiro, na Av. Protásio Alves esquina com rua São Vicente [...]. Algumas construções impulsionaram o desenvolvimento do bairro, como por exemplo, o Hospital de Clínicas, no final dos anos de 1950, e alguns dos prédios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul [...] (Centro de pesquisa histórica, 2019: 87-88).

No blog *Viamão antigo 14 de setembro 1741*, indica que a fundação do bairro Santa Cecília, associa-se a atuação pioneira de Henrique Scliar, tio de Moacyr Scliar, e que o bairro foi criado em homenagem a Cecília Scliar, esposa de Henrique Scliar, que por volta da metade do século passado resolveu lotear seu imóvel rural.

Henrique Scliar nasceu em 10/05/1897, sua mãe Ana Scliar emigrou de uma aldeia da Ucrânia, a 100 Km de Odessa, próximo da Bessarábia, hoje Moldávia, com o destino ao Brasil, viúva com seus nove filhos ao Brasil, por volta de 1912-1914. Residiram inicialmente em uma pequena casa na rua Voluntários da Pátria, na beira do Guaíba. Tiveram uma vida de sacrifícios, mas não seguiram para as colônias em Erebangó ou Santa Maria, conforme o irmão de Moacyr Scliar, Wremyr Scliar (2018).

Durante a juventude era anarquista, sempre foi de esquerda e atuava no teatro ídiche, e cada vez que uma namorada desmanchava o namoro, ele ia se consolar em Buenos Aires e encontrar-se com o pessoal anarquista na *Plaza Lavalle*, defronte a uma das entradas do teatro Colón. Na fase adulta, Henrique Scliar tinha características físicas de homem alto, forte, claro, de olhos azuis. Casou duas vezes, o primeiro casamento em 1919 com Cecília Stechman Scliar, com quem teve 3 filhos, o artista plástico militante comunista Carlos Scliar, o comerciante Marcos Scliar e o fotógrafo e cineasta Salomão Scliar. Ficou viúvo em 1944, e casou a segunda vez com Sara Indech, com quem teve a filha Rusy Scliar, artista plástica. Henrique trabalhou no comércio e na indústria e teria criado um sindicato dos alfaiates. Nos anos 40, foi empresário de uma fábrica de acolchoados na av. Oswaldo Aranha 1024, na qual rua residiu no 1º andar – nº 1022, numa casa confortável, coisa rara para os judeus, recém-imigrados e pobres, mas perdeu a fábrica de acolchoados que ficou para seus dois sócios. Também teve uma olaria [sem nome] que faliu, em sua chácara no município de Viamão. Henrique foi um entusiasta das artes, recebendo e hospedando, em Viamão diversos artistas, escritores, políticos como; Graciliano Ramos, Barão de Itararé. Acabou loteando sua chácara e vivendo da venda desses terrenos, localizados hoje nos bairros Vila Cecília (nome da primeira mulher do Henrique) e Vila Augusta. Em sua velhice, gostava muito de contar anedotas, faleceu atropelado por um ônibus em 19 de abril de 1986, conforme a sobrinha de Henrique Scliar, Zilberknop (2018) e o primo-irmão de Moacyr Scliar Grinberg (2018).

Em *O exército de um homem só*, a trajetória de vida ficcional de Mayer é verossimilhante com a trajetória de Henrique Scliar, porque Mayer Ginzburg

também imigra da Rússia para o Brasil com sua família por volta de 1916. Quanto as características físicas, Mayer era alto e magro, trabalhava no comércio e posteriormente na indústria, residia no bairro Bom Fim [imaginário], com sua primeira esposa e seus dois filhos, separando-se posteriormente, era politicamente envolvido com a ideologias da esquerda.

Na entrevista, o sobrinho de Henrique Scliar, Wremyr Scliar (2018), salienta:

Henrique torna-se um empresário bem-sucedido, mas jamais abandonou seus ideais e utopias. Entusiasta por espetáculos ou conferências, levou uma vida de intelectual e enviou seu filho Carlos, para o Belas Arte de Paris, onde estudou por quatro anos. Seu relacionamento com o mundo político e intelectual brasileiro de esquerda era intenso. Contou-me Henrique um episódio de 1919, em Buenos Aires houve uma grande greve e insurreição popular. Henrique foi para lá participar do movimento. Foi preso e levado ao fuzilamento. Conseguiu fugir (era um homem forte e corpulento). Quanto no Estado Novo ou depois comunistas eram presos, ele levava roupas, livros e cobertores para ajudá-los nas celas. Encontrei breves referências a sua participação na fundação do partido comunista em 1922. Mas, na verdade ele não era comunista, mas adepto das teorias anarquistas e militante no anarco-sindicalismo.

Na entrevista, o irmão de Moacyr Scliar, comenta sua participação com os intelectuais esquerdistas, e participação do anarquista Henrique Scliar, na fundação do partido comunista. Conforme o irmão de Moacyr Scliar, Wremyr Scliar (2018), ressalta que ele, “teve relações profundas com seus tios, especialmente o anarquista e intelectual Henrique Scliar e com seu filho o pintor Carlos Scliar, assim como com suas primas”. Esther, reconhecida como compositora e Leonor, autora e professora de letras.

O historiador, Airan Milititsky Aguiar (2018), sobre a compra da chácara em Viamão salienta, que uma parte do dinheiro Henrique adquiriu como comerciante, alfaiate e empresário de uma loja de colchões, e que ele também ganhou um prêmio na loteria, e que com esse dinheiro comprou a chácara fundando nela a Vila Cecília⁵, que era um bairro predominantemente

⁵ A pesquisadora encontrou vestígios da chaminé da olaria, e antigos moradores comentaram ter trabalhado para Henrique na olaria. O local situa-se em Porto Alegre, no bairro Santa

afrodescendente, construindo uma olaria [sem nome]. Em *O exército de um homem só*, “Mayer negociou a compra da antiga propriedade de Marc Friedmann [amigo judeu], no Beco do Salso [nome do sítio tido como abandonado]” (Scliar, 1973: 102), construindo nessa chácara uma construtora chamada Mayrik, que se assemelha com a olaria de Henrique Scliar.

Em *O exército de um homem só*, Mayer compra livros de Jorge Amado, e batiza seu filho com o nome de Jorge. Henrique Scliar escondeu Jorge Amado e esposa, Zélia Gattai, “na Vila Cecília, em Viamão, após a cassação dos parlamentares comunistas em 1948, durante o governo do general Eurico Gaspar Dutra” (Marçal, 2008: 124). Em *O exército de um homem só*, quanto a localização da colônia fundada por Mayer Ginzburg, a ficção descreve,

tomarão um bonde, descerão no fim da linha, farão o resto do trajeto a pé. As casas irão escasseando. Surgirá a mata, a natureza. Eles aspirarão o ar puro e sorrirão. Terão chegado. Cruzarão o antigo portão de ferro batido; caminharão por uma trilha malcuidada entre altos arbustos; chegaram a um largo descampado; e lá, sobre uma suave elevação, estará a casa. Em 1929 a casa já será velha. Um desenho de Mayer Ginzburg, mostra-a, muito grande, com uma larga porta e muitas janelas. O estilo tende ao colonial... (Scliar, 1973: 27).

Aqui, o percurso para chegar na chácara, o bonde era o meio transporte utilizado na época, e a casa estilo rústico. A prima de Moacyr Scliar, Leonor Cabral Scliar (2018), ressalta que “[...] como todo o sonhador, sonhava mais alto do que a realidade: depois de ter sido proprietário de terras que deram origem à Vila Cecília, em Viamão e nas praias do Guaíba (hoje valorizadíssimas), acabou perdendo tudo”. Em *O exército de um homem só*, surge a verossimilhança, porque a personagem Mayer Ginzburg tinha dois filhos, Jorge e Raquel, em 1957 ele separa-se da esposa, e sua empresa chega à falência, perdendo tudo.

Em *O exército de um homem só*, surgem previsões futuras do abandono da colônia,

Cecília, no endereço da rua: Plácido Mottin [sem número] ao lado da empresa de ônibus, Evel Expresso Veraneio, na divisa com a rua: Aparício Borges.

Birobidijan ilustrou a no álbum " Exército de Um Homem Só" o primeiro desenho mostra sua chegada ao sítio de Mark Friedman no beco do salso do alto do morro Birobidijan [Mayer Ginzburg] contempla a cidade seus pés notas em seu rosto *coragem determinação* em um certo *estoicismo* os punhos cerrados evidenciam força e as botas apoiam-se solidamente sobre a terra a propriedade estava abandonada [...]. O segundo desenho mostra a destruição por Birobidijan desafio símbolos de propriedade suas mãos em punho uma grande pedra e seus lábios sempre abrem um sorriso jubiloso [...]. O capitão da uma volta em torno da casa espiando pelos vidros quebrados ver sujeira e desolação decide não entrar traz consigo uma pequena barraca dormirá nela [...]. (Scliar, 1973: 57).

Nota-se que o projeto de colonização representado na ficção não atingiu os objetivos de torná-la uma colônia agrícola produtiva socialista, mas Mayer jamais desiste da tentativa de fundá-la, mesmo em seu leito de morte, essa característica utópica de persistir em seus ideais, é verossimilhante, segundo o irmão de Moacyr, Wremyr Scliar (2018), "Henrique Scliar mesmo tornando-se empresário bem-sucedido jamais abandonou seus ideais e utopias". Nota-se que Moacyr Scliar, expressa em sua obra, um certo eufemismo, que marca essa característica de persistência na personagem, porque ele repete na escrita do livro, para leitor leia várias vezes na narrativa, o trecho; "que iniciamos neste momento a construção de uma nova sociedade" (Scliar, 1973: 9).

Henrique Scliar loteava suas terras do bairro Santa Cecília aos seus operários de sua olaria, em forma de pagamento ele concedia-lhes uma gleba de terra, assim os lotes foram loteados. Em *O exército de um homem só*, Mayer resolve fundar Nova Birobidijan em Porto Alegre, no Beco do Salso,

Mayer Ginzburg tem ideias. Formarão uma colônia coletiva Léia, José Goldman, e ele. Ficarão longe de Porto Alegre; não muito longe, é claro, pois de lá terá de vir, um dia a Grande Marcha, haverá um mastro, onde flutuará ao vento a bandeira de Nova Birobidijan. Semearão milho e feijão. Tratarão as plantas como amigas como aliadas no grande empreendimento. Criarão um porco - o Companheiro Porco; uma cabra - a Companheira Cabra; uma galinha - a Companheira Galinha [...]. Morarão em barracas num pequeno telheiro instalaram o palácio da cultura onde estarão expostos os desenhos do Companheiro dizer onde a companheira Léia declamará *Walt Whitman* [...] (Scliar, 1973: 15).

Aqui, o imigrante judeu é representado como um colono, porque sai da cidade e vai trabalhar no campo na plantação de milho e feijão, e no trato de animais. Em *O exército de um homem só*,

É tempo de semear, e o colono semeia milho e feijão na terra preta e úmida [...]. A colheita lhe trará certa dor; arrancar as espigas macias e as belas vagens. Sim ele o fará, mas não as venderá no mercado não submeter os delicados vegetais a lei da oferta e da procura. Comê-los; incorporando-se assim ao eterno ciclo da natureza o capitão não se dedica a somente as atividades agrícolas seu temperamento é também pastoril e uma das poucas vezes em que sai de Nova Birobidijan traz um porco uma cabra e uma galinha [...] (Scliar, 1973: 59).

Nesse aspecto, mostra o trabalho da colônia e que a produtividade não seria vendida, mas dividida entre os membros, ou seja, os animais que o acompanham, devido ele estar só. Essa iniciativa, de Mayer na ficção relaciona-se a formação de um kibutz no Beco do Salso, que para o irmão de Moacyr Scliar, Wremyr Scliar (2018), o

"capitão" do livro *O exército de um homem só*, é efetivamente inspirado em seu tio Henrique, cujo sonho e utopia era o socialismo. A situação lembra muito as fazendas coletivas da União Soviética ou os kibutzim de Israel. O surrealismo tem a ver oniricamente com a revolução socialista".

Em *O exército de um homem só*, semelhantemente aos membros revolucionários, Mayer é ainda jovem quando abandona sua família, e sua antiga vida, lutando pelo ideal de fundar o kibutz, que segundo Pinsky (2000: 104), é uma organização,

caracterizada pela propriedade coletiva dos bens e pela organização comum da produção e do consumo. Idealmente o *chaver-kibutz* [diretor do kibutz] não possui nada a não ser pequenos presentes que ganha e alguns objetos de uso pessoal que pode comprar com a restrita quantia anual que recebe para tais despesas. Fora isso, todos os ganhos vão para o kibutz (mesmo quando, por qualquer motivo, o *chaver* tem ganhos fora, estes vão para a caixa comum). As casas, roupas e máquinas usadas pelos *chaverim* pertencem ao kibutz- eles não recebem salários, por outro lado, não tem gastos particulares com moradia, vestimenta, saúde e alimentação.

Aqui, a renda adquirida no kibutz, é compartilhada por todos os membros em partes iguais, como os espaços públicos. Pinsky (2000: 106)

afirma, que não há diferenças de gênero, pois as mulheres trabalham “ao lado dos homens em trabalhos braçais produtivos e no sistema de defesa exercendo atividades tidas como masculinas na sociedade externa”.

Em *O exército de um homem só*, a personagem Santinha, uma não judia trabalha no kibutz, no Beco do Salso, realizando atividades dentro do comitê de Limpeza. Existe na ficção uma organização do kibutz dividida em comitês chamados; comitê da limpeza, comitê da comida, comitê de estudos políticos, este último dirigido por Mayer. Um entrevistado judeu economista, sobre a organização do *kibutz* revela,

eles se reuniam em uma espécie de colônias em grupo, é o socialismo perfeito, então tinha os organizadores do kibutz, tinha todo mundo trabalhava, mas toda a renda que tinha era do kibutz, e então essa renda era distribuída entre o pessoal que morava no kibutz. Então os restaurantes eram coletivos, era tudo coletivo, era uma comunidade que vivia e trabalhava dentro do Estado de Israel hoje tem alguns (Charchat, 2018).

Outro aspecto em *O exército de um homem só* é a questão de Mayer, construir uma piscina clube e um Palácio de Cultura, “Mayer Guinsburg fechou os olhos e viu então Nova Birobidijan, as plantações, os Companheiros animais, o mastro, o Palácio de Cultura” (Scliar, 1973: 50).

A representação da piscina clube na obra, *O exército de um homem só*, pode estar relacionada a construção da piscina do Clube Campestre, localizado na rua Coronel Marcos [nº 1345], fundado em 22 de agosto de 1958. No entanto, por outra piscina, localizada dentro da chácara de Henrique Scliar, que segundo a sobrinha de Henrique Scliar (Zilberknop, 2018): “era uma piscina feia, sem azulejos, mas eu, que era uma criança, adorava passar os domingos lá, onde o tio José (pai do Moacyr Scliar) fazia churrasco, as mulheres faziam as saladas; de tarde, tomava-se chimarrão com bolo”.

Possivelmente, esse Palácio de Cultura tratado ficcionalmente em *O exército de um homem só*, possa ser a representação do Clube de Cultura⁶.

⁶ O Clube de Cultura é uma experiência internacional, com uma federação de clubes. Em 1936 ocorreu o 1ª congresso em Madrid e o 2ª Congresso em Paris em 1937 foi criada uma instituição chamada Federação Cultural judaica. E o clube de Cultura foi afiliado a essa federação cultural que era uma forma de enfrentamento cultural ao fascismo. Núcleos existem no mundo inteiro, é muito amplo isso, e no Brasil em diversas capitais (Aguiar, 2018).

Airan Milititsky Aguiar (2018), presidente do clube, afirma que existiu uma Liga Cultural Israelita dentro das dependências do Centro Israelita Porto-Alegrense, vinculada a discursão idichista⁷, e que o tio de Moacyr Scliar, o

Henrique participava ativamente disso, porque o Henrique era um idichista [...] o pessoal que colocava bem claro, tem reminiscências, mas o pessoal que colocava que na verdade o judeu deve se integrar, mas sem abandonar o seu legado cultural, a sua tradição. E a tradição não é religiosa, é a tradição viva do povo ativo essa tradição não era vinda do mundo sagrado, mas do mundo profano, e a língua do profano é a língua da mãe que se fala em ídiche que é o ídiche (Aguiar, 2018).

Dessa forma, a formação de clubes partiu de uma federação cultural mundial, Henrique Scliar como membro, propõe ao seu sobrinho, Mauricio Kotlhar e outros membros realizarem um jantar a fim de fundar uma nova sociedade cultural, em 30 de maio de 1950, em Porto Alegre.

O presidente do Clube de Cultura (2018), salienta que inicialmente alugaram uma casa, na rua Ramiro Barcelos nº 1853, que pertencia ao erechinense Gregório Ioshpe, mas que com o passar do tempo, a casa não dava conta das necessidades para as atividades; de literatura, teatro, poesia e música. Então, os sócios resolveram fazer um empreendimento viabilizando uma sede maior composta de: anfiteatro, sala de reuniões, e biblioteca. Para arrecadar fundos, cada um dos sócios doou o que podia para comprar o terreno, mas não conseguiram o dinheiro suficiente para construção da sede, por isso construíram um edifício e na venda dos apartamentos embutiram os custos da construção do clube⁸. Então, "era um prédio coletivo. Na verdade, a maior parte dos moradores eram sócios do clube. Então as pessoas moravam no prédio e tinham o clube como um espaço para atividades coletivas" (Aguiar, 2018).

De acordo com Aguiar (2009), o clube não tinha vínculo religioso, mas tinha uma certa dimensão ética do legado judaico, visto também, como clube

⁷ Em 1959 houve uma publicação feita pelo ICUF do Rio de Janeiro, comemorativa ao centenário de nascimento de *Scholem Aleichem*, um dos clássicos da literatura ídiche (Aguiar, 2009: 74: 75).

⁸ Apenas em 14 de novembro de 1957 a sede do Clube de Cultura foi oficialmente inaugurada. Apesar de não poder utilizar a sede durante sua construção, o Clube não deixou suas atividades culturais de lado (Aguiar, 2009, p. 80:81).

“da pá virada”, conforme Marçal (2008, p. 15), refere-se a eles serem socialistas, anarquistas ou comunistas, e “serem vistos pela comunidade como perigosos e subversivos”, por isso, esses membros preferiram construir o clube, separadamente de outras entidades. Esse espaço aparece na obra *O exército de um homem só*, como um ambiente intelectual, em que as personagens declamam poemas, jogam xadrez e discutem política. No *blog* oficial do Clube de Cultura contém esse depoimento de Moacyr Scliar:

O Clube de Cultura foi um marco importante na história da comunidade judaica de Porto Alegre, e na própria história da cidade e do Estado. Era uma entidade “progressista”, quer dizer, seus membros eram simpatizantes do Partido Comunista, gente que via na arte e na cultura fatores de transformação social. Daí porque o Clube tinha um amplo programa de atividades: palestras, apresentações teatrais, exposições... No meu caso, a ligação tinha um componente afetivo muito forte: durante anos a figura chave no Clube foi meu tio, Henrique Scliar, era um homem de extraordinária cultura e dedicação: quando da construção do Clube muitas vezes ele trabalhou lado a lado com os operários. O fim do sonho comunista foi um golpe para a instituição. Mas o sonho que ela representava permanece vivo (Scliar, 2010: s/p).

Aqui, na visão de Moacyr Scliar, caracteriza o clube, como uma entidade progressista⁹, já que não dedicava sua existência apenas a cultura judaica laica em ídiche, pelo motivo de incentivarem a participação popular em problemas mais amplos da sociedade na qual viviam, como forma de integração social.

Segundo Aguiar (2018), Henrique Scliar doou muito dinheiro para o Clube, e como pedreiro vinha no tempo livre dele, trabalhar junto com os operários, “carregava fardo de cimento, tijolos ele fazia o trabalho braçal. Ele tinha uma admiração profunda pelo trabalho de operário. Ele pegava e não ficava olhando, ele fazia junto. Então é bem curioso” (Aguiar: 2018), isso vem de encontro ao idealizador que aparece na obra, em *O exército de um homem só*, Mayer admira o trabalho operário, sendo capaz de hastear uma bandeira, que contém um desenho de uma colher de pedreiro e uma

⁹ A história dos judeus progressistas em Porto Alegre não está materializada somente no Clube de Cultura. Inúmeras fontes evidenciam que eles já estavam organizados desde 1922, na sinagoga Centro Israelita Porto Alegrense (Aguiar, 2009).

betoneira, ou seja, exalta acessórios utilizados no trabalho operário.

A personagem Mayer, da ficção também, trabalha ao lado de seus operários em sua empresa, de materiais de construção, os primeiros operários passam rumo ao trabalho e “Mayer olha-os com inveja: aqueles são os homens a quem o futuro pertence; estão no caminho correto” (Scliar, 1973: 56). Aqui, surge a verossimilhança dos dois terem uma adoração pelo trabalho operário no viés comunista. Segundo o irmão de Moacyr, Wremyr Scliar (2018), seu tio, “estava no Clube todas as noites. Ele mesmo consertava os equipamentos, limpava e ordenava as cadeiras do auditório”.

Moacyr Scliar (2010), define a personalidade de seu tio como “um utópico”, “sonhador”, “rebelde”. Em *O exército de um homem só*, o idealizador surge como esquisito, esquizoide, engraçado, inesquecível e rebelde utópico, e ateu na visão da personagem. Já Henrique Scliar tinha um humor sofisticado, e era sua característica criar anedotas, era visto como um gozador, “ele chegava na comunidade judaica, no dia do Perdão, que é o dia mais sagrado do ano, e oferecia um churrasco no sítio de porco, assar um leitão”, segundo (Aguiar 2018). Em *O exército de um homem só*, “Mayer jantou numa pequena churrascaria. Comeu muito: filé, galeto, lombinho, xixo, polenta, salada de batata, vinho” (Scliar, 1973: 117). Aqui, surge a verossimilhança nos hábitos alimentares de Henrique Scliar em frequentar churrascaria, e comer carne suína, contrariando a restrição alimentar religiosa judaica.

Aguiar (2018) ressalta que conversou com Moacyr Scliar sobre a representação do Capitão Birobidijan, em *O exército de um homem só*, e

ele responde que sim, que o Henrique é quem inspira o Capitão Birobidijan. Então, esse sítio, essa nova Birobidijan de alguma maneira ele existiu. Então o palácio da Cultura, que diz no livro que ele ia construir o palácio da cultura, era o clube na verdade ele construiu. Na verdade, ele construiu? Essa história é bonita de se falar (Aguiar, 2018).

Em convergência com Aguiar (2018), Leonor Cabral (2018) e o irmão de Moacyr Scliar, Wremyr Scliar (2018), afirmam que:

[...] todos os personagens [do livro *O exército de um homem*

só] são inspirados no tio Henrique, em primeiro lugar, e no seu grupo anarquista que se reunia em Porto Alegre, formado de operários, além dos imigrantes que vieram na mesma época da Europa, torno de 1914, e todos anteriormente pertencentes aos movimentos sociais e revolucionários como o *Bund*, [Partido Trabalhista Socialista Judaico]. O livro *O exército de um homem só*, reproduz as atividades políticas do velho Henrique, com suas ousadas utopias anarquistas. E uma vida comunitária que se instala e que deveria com seus companheiros conquistar o socialismo. Reuniam-se, especialmente para leituras e discussões. Liam e estudavam constantemente as obras anarquistas e em especial a enciclopédia dos irmãos *Reclus*. A biblioteca do Henrique era razoável com textos clássicos em ídiche, como Marx, o bardo e russos e franceses.

Aqui, pelo olhar de familiares, afirmam que a obra reproduz as atividades políticas, e que a personagem Mayer foi inspirada em Henrique Scliar. Também em *O exército de um homem só*, Moacyr Scliar, usa no discurso do narrador, para dizer, que escreveria um livro sobre o tio, no trecho,

os sobrinhos de Mayer Guinsburg olhavam-no com espanto. "Como é engraçado nosso tio" - diziam a Avram. Debochavam dele, chamando-o de Capitão Birobidijan. Mayer fingia não ouvir. Muitos anos depois, os sobrinhos souberam que se planejava escrever um livro sobre o tio (Scliar, 1973: 46).

Na ficção o escritor Moacyr Scliar, afirma que um dos sobrinhos escreveria um livro, contando das proezas de seu tio, o personagem Mayer. Acredita-se que o escritor, poderia estar dizendo indiretamente que a sua inspiração partira de seu tio Henrique Scliar.

Considerações finais

Portanto, em *Cágada* o diretor da companhia ficcional ACA, a personagem Mister Glupp, é tratado com verossimilhança comparada a trajetória de vida do diretor da ICA, Isidoro Eisenberg. Mársico representa-o como o colono responsável pelo funcionamento da Fazenda Quatro Irmãos.

Já, *O exército de um homem só*, trata a criação de uma colônia coletiva no Beco do Salso. Scliar em sua autobiografia (2017), ressalta que a obra, *O exército de um homem só*, foi escrita logo após, a sua experiência de viagem

para Israel na década de 70, por isso podem ser vistos aspectos sobre a formação das colônias coletivas, também chamadas de kibutzim. Também é visto a verossimilhança com a trajetória de vida de Henrique Scliar, fundador do bairro Santa Cecília, em Porto Alegre.

Pautada em documentação, entrevistas e elementos coincidentes nas narrativas permite afirmar, que os dois escritores se inspiraram em dois imigrantes judeus, para elaboração de suas obras literárias.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Airan Milititsky. *Saudações para um mundo novo: o Clube de Cultura e o progressismo judaico em Porto Alegre (1950-1970)*. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/25623015-Saudacoes-para-um-mundo-novo-o-clube-de-cultura-e-o-progressismo-judaico-em-porto-alegre.html>>. Acesso: 20 out. 2018.

Blog Viamão Antigo. Disponível em: <<http://www.viamaoantigo.com.br/historias-34.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

CASSOL, Ernesto. *Correspondências da Jewish Colonization Association – ICA*. Pesquisas Regionais. Trad. Ernesto Cassol. Erechim, 1985.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Trad. Cristina Antunes. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

EIZIRIK, Moysés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1984.

_____. *Memória da vida judaica: personagens, episódios e instituições gaúchas*. Porto Alegre: LETRA & VIDA, 2007.

FAERMANN, Martha, Pargendler. *A promessa cumprida: histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul (Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hirsch, e Erebangó)*. Porto Alegre: Metrópole, 1990.

GILBERT, Martin. *História de Israel*. Tradução: Vera Martins. São Paulo: Edições 70, 2010.

GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization e a Colonização de Quatro Irmãos*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.

História dos bairros de Porto Alegre. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf>. Acesso: 07 abr. 2019.

MARÇAL, João Batista. *Dicionário ilustrado da esquerda gaúcha: anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas*. Porto Alegre: Livretos, 2008.

MÁRSICO, Gladstone Osório. *Cágada (ou a História de um município a passo de)*. Porto Alegre: Ed Movimento. 1974.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Pássaros da liberdade: jovens judeus revolucionários no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

SCLIAR, Moacyr. *O exército de um homem só. novela*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.

_____. *Eu vos abraço, milhões*. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

_____. Disponível em: < Depoimento de Moacyr Scliar sobre o Clube de Cultura. <https://clubedecultura.blogspot.com/2010/09/depoimento-de-moacyr-scliar-sobre-o.html> >. Acesso: 19 maio 2019.

_____. *Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida/ Moacyr Scliar*. Porto Alegre: L&PM, 2017.

Fontes documentais

Jewish Colonization Association. *Ofício para o secretário Arnaldo Porto, secretário de Boa Vista do Erechim*. 8 set. 1935. Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

Mársico, Gladstone Osório Mársico. *Correspondência para Ana Eisenberg*. 02 de mar. 1972. Fonte: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

Entrevistas

AGUIAR, Airan Milititsky. Porto Alegre, abril 2018. Prof. Historiador, atualmente é presidente do Clube de Cultura.

CABRAL, Leonor Scliar. Porto Alegre, 02 set. 2018. Prof. Universitária, 89 anos, prima-irmã de Moacyr Scliar.

CHARCHAT, Abraão Izaquiel. Erechim, 12 set. 2018. Agropecuarista, 70 anos, descendentes de imigrantes judeus que se estabeleceram em Erechim.

GRINBERG, Irineu Keiserman. Porto Alegre, 20 ago. 2018. Farmacêutico, 77 anos, primo-irmão por parte de mãe de Moacyr Scliar.

JOHELAVICIUS, Jayme. Erechim, 22 ago. 2018. Cirurgião dentista, 80 anos, descendente de imigrantes judeus, viveu em Barão Hirsch e trabalhou no Hospital de Quatro Irmãos.

LEVENTHAL, Luis David. Porto Alegre, 05 ago. 2018. Advogado, Vice-presidente da Organização Sionista de Porto Alegre, descendente de imigrantes judeus alemães.

LOUREIRO, Abílio. Getúlio Vargas, 14 nov. 1995. Nasceu em 24 fevereiro de 1937. Nasceu em Nonoai, seu pai Francisco Loureiro trabalhou nos trilhos da ICA e na casa de Isidoro Eisenberg. Entrevistador: Isabel Cristina Cavedon Muller. Fonte: Instituto Histórico Getúlio Vargas.

SCLIAR, Wremyr. Porto Alegre, 25 jul. 2018. Prof. Dr. Direito Administrativo (PUCRS), Conselheiro substituto emérito aposentado do Tribunal de Contas – RS. Comenda Oswaldo Vergara – OAB RS, irmão de Moacyr Scliar.

ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. Porto Alegre, 12 set. 2018. Professora aposentada, 80 anos, prima de Moacyr Scliar.